

TRINTA ANOS DE MILHO SAFRINHA COM TECNOLOGIA NO BRASIL: PONTOS PARA REFLEXÃO

Alfredo Tsunechiro – Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico
Aposentado do Instituto de Economia Agrícola, São Paulo (SP)

Em 1997/1998 a área da cultura da soja no Brasil ultrapassou pela primeira vez a área da cultura do milho (verão + safrinha), e desde então a diferença vem se ampliando. No ano citado, a área de milho alcançou 11,4 milhões de hectares (9,1 no verão e 2,3 na safrinha) e a área de soja atingiu 13,2 milhões de ha. Os dados finais de 2019/2020 indicam que a área total de milho no Brasil foi de 18,5 milhões de ha, com 4,2 milhões no verão, de 13,8 milhões na safrinha e 532 mil ha numa terceira safra (que passou a ser levantada em 2018/2019, com 511 mil ha). A soja ocupou 36,9 milhões de ha. A área de milho safrinha correspondeu a $\frac{3}{4}$ (75%) da área total anual do milho no Brasil. (Fonte: CONAB, setembro/2020).

Em 30 anos de mono-sucessão soja-milho safrinha (de 1990/91 a 2019/2020), a área de milho aumentou 3,4 milhões de ha, enquanto a de soja, cresceu 24,2 milhões de ha. Na safra 2011/12, ou seja, há nove anos passados, a área de milho safrinha no Brasil suplantou a do milho verão e desde então a diferença vem se acentuando.

Neste cenário da cultura do milho, típica de primavera-verão, que sofreu uma verdadeira revolução, nos últimos 30 anos, graças ao uso de tecnologias apropriadas, passando a ser desenvolvida majoritariamente no outono-inverno, cabe sugerir algumas reflexões sobre a situação atual e as perspectivas para os próximos anos para a cultura do cereal e para o direcionamento do foco das atividades de pesquisa e desenvolvimento.

Pontos para reflexão:

1 – Não há possibilidade plausível para a reversão da tendência de crescimento da área da cultura da soja, em favor da cultura do milho, dada a maior rentabilidade da oleaginosa, no Brasil. Desta forma, a expansão da área de milho ocorre em período extemporâneo, de maior risco e ainda de menor potencial produtivo.

2 – O sistema plantio direto, como técnica de manejo do solo, aliado aos resultados do melhoramento genético das sementes de milho e soja, reduziu o risco da cultura do milho safrinha, possibilitando a antecipação da semeadura do milho simultaneamente à colheita da soja. Qual a situação dos solos após três décadas de sistema soja-milho quanto aos aspectos químicos, físicos e biológicos? Qual o efeito cumulativo de produtos químicos no solo?

3 – Quantos produtores fazem rotação de cultura no sistema de sucessão soja-milho? Como resolvem o problema dos custos crescentes do controle de pragas do solo e doenças foliares na cultura do milho safrinha? Não está na pauta dos produtores e pesquisadores o fomento do controle biológico, como meta de um

processo de manejo integrado de pragas e doenças? E as plantas daninhas, incluindo-se as tigueras, que se constituem em pontes verdes de um ano para outro?

4 – O uso da transgenia, decorridos cerca de 14 anos na cultura do milho no Brasil, trouxe resultados sustentáveis, ou seja, além da comodidade para o produtor, a tecnologia reduziu o custo do controle de pragas, doenças e plantas daninhas? Melhorou a margem de manobra do agricultor perante à indústria de sementes no tocante à sua autonomia para escolha da melhor semente para a sua propriedade? O produtor cultiva área de refúgio? Há disponibilidade de semente convencional para essa área de milho?

5 – Quanto aos aspectos socioeconômicos, quantos produtores de milho, nas diferentes regiões do Brasil, estão associados a cooperativas, como meio de melhorar suas condições de barganha na compra de insumos, máquinas e equipamentos e venda do milho, composta por serviços de secagem, armazenamento e transporte, atividades notoriamente de elevado custo?

A tendência de ampliação da área e da produção de milho safrinha (oficialmente denominada de milho segunda safra), relativamente à cultura de verão, reforça a importância da realização eventos para a discussão desses pontos, a exemplo do Seminário Nacional de Milho Safrinha.